



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Antropologia

Humoristicamente correto:

O uso da liberdade de expressão na produção humorística

Telma Inês Ferreira Figueiredo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Antropologia

Orientador:

Doutor Manuel João Mendes da Silva Ramos, Professor Associado com Agregação,

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2017

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Antropologia

Humoristicamente correto:

O uso da liberdade de expressão na produção humorística

Telma Inês Ferreira Figueiredo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Antropologia

Orientador:

Doutor Manuel João Mendes da Silva Ramos, Professor Associado com Agregação,

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2017

Resumo

O humor e o politicamente correto entram em conflito devido à forma de discurso singular de ambos, enquanto o primeiro extrapola a norma discursiva, o segundo desenvolve-se pela vontade de controlar a palavra.

Esta dissertação pretende analisar o contexto humorístico com o fim de perceber se este tipo de discurso usufruí de mais liberdade de expressão do que é permitido noutros contextos.

De forma a alcançar o objetivo proposto explora-se as várias teorias de humor apresentadas pela literatura, os processos que levam ao ato cómico, o valor social e individual da comédia. Descreve-se a importância assente na liberdade de expressão, a forma como esta contribui para uma sociedade progressista e bem informada, trazendo à discussão o ideal do politicamente correto que tende a confiná-la.

Ao longo do trabalho apresentam-se os resultados obtidos através de entrevistas semiestruturadas a vários humoristas. As respostas encontram-se nesses discursos, que confirmam as teorias presentes na literatura e mostram como a profissão do humorista oscila entre limites de expressão e total liberdade, dependendo do contexto.

Palavras-Chave: Humor, politicamente correto, riso, liberdade de expressão, humoristas, censura.

Abstract

Humor and political correctness conflict derives from their singular discourse, while the first extrapolates the discursive norm, the last one develops by the will to control the speech.

This dissertation aims to analyze the humorous context, in order to understand if this type of discourse acquire more freedom of expression than the allowed in other contexts.

To achieve the proposed objective, we explore the theories of humor presented in the literature, the processes that lead to the comedy, the social value and individual taken from laughter. In addition, we describe the importance of freedom of expression, the way it contributes to a progressive and well-informed society, bringing to the discussion the ideal of the political correctness that tends to restrict it.

During this work, we presented the obtain results from semi structured interviews with several comedians, the answers are found in these discourses, which confirm the theories present in the literature and shows how the humorist profession oscillates between limits of expression and total freedom, depending on the context.

Keywords: Humor, political correctness, laughter, freedom of speech, humorists, censorship.

Agradecimentos

Aos humoristas e cartoonistas que aceitaram partilhar as suas experiências, obrigada pelo contributo indispensável.

Aos professores, por me guiarem no infindável mundo da Antropologia.

Aos meus colegas, pela partilha de experiências e apoio.

À Joana e Marta, muito obrigada pela vossa disponibilidade e ajuda.

Ao Elias, porque um bom *set-up* exige uma *punchline* à altura.

À minha mãe e irmã. Cada passo em frente a elas o devo.

Índice

Introdução	1
Metodologia	3
Capítulo 1 – O humor e o riso.....	4
1.1 Distinção entre humor e riso.....	4
1.2 Importância do riso	7
1.3 Processos cômicos	10
1.4 Teorias de Humor.....	11
Capítulo 2 – Humor e liberdade	14
2.1 Liberdade de expressão	14
2.2 Politicamente correto	19
Capítulo 3 – Palavra de humorista	21
3.1 O humorista nos meios de comunicação	21
3.2 O humorista e o politicamente correto	26
Capítulo 4 – Reflexões finais	28
Anexos	30
Bibliografia	32

Introdução

O riso pode ser o primeiro contacto entre duas pessoas, desencadeia relações empáticas porque facilita a interação, é uma das melhores formas de mostrar interesse no outro. O humor pode surgir logo em seguida, é uma expressão de partilha da nossa perceção do mundo e, principalmente, o tipo de humor que partilhamos com alguém diz muito sobre a relação estabelecida.

São ambas formas de relação e interligação entre seres humanos, o riso de uma forma mais natural ou espontânea, e o humor através de uma simbologia partilhada, seja ela desenvolvida culturalmente, por experiências comuns ou interesse mútuo sobre determinado assunto.

As relações jocosas, designação de Radcliff-Brown, chegam a manifestar-se de forma antagónica, pois se por um lado supõem elos familiares ou de amizade, por outro dão permissão a troca de gracejos, mais ou menos ofensivos, de parte a parte; no entanto, não devem ser recebidos como uma ofensa, pelo contrário, são uma forma de comunicação e de estabelecimento de alianças.

Tanto Henri Bergson¹, como Gregory Bateson², corroboram a necessidade do riso e humor nas relações humanas, o riso funciona como “quebra-gelo” entre duas pessoas, como rir com outros serve à afirmação de pertença a um grupo, como um ato de comensalidade se tratasse, mas através da comédia.

Roger Scruton, filósofo inglês, dá início a um artigo publicado no BBC News³, com a seguinte pergunta: “Any discussion of free speech needs to deal with two important issues – jokes and race. Jokes are not opinions, but they can cause just as much offence. So should there be the same freedom to make jokes as to express opinions?” (Scruton, 2015)

Entende-se que a primeira frase pode ser sujeita a uma inversão, que uma discussão sobre piadas se relaciona incontornavelmente com liberdade de expressão. O que depois de afirmar que relações jocosas implicam um consentimento de ofensa, parece um retrocesso no discurso, pois se o humor supõe o uso de retórica insultuosa, em que termos a liberdade de expressão pode condicionar o humor? Ou vice-versa?

¹ Bergson, H. (1983). *O riso: ensaio sobre a significação do cómico* (2^o ed). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

² Bateson, G. (1952, março). *The position of humor in human communication*. Comunicação apresentada em *Macy Conferences*, Nova Iorque.

³ Scruton, R. (2015). *A Point of View: Why people shouldn't feel the need to censor themselves*. Revista BBC News. Recuperado em 2017, setembro 27, de <http://www.bbc.com/news/magazine-34744432>

A liberdade de expressão, criteriosamente analisada durante séculos, desde o filósofo John Stuart Mill, ao escritor contemporâneo Mick Hume, foi defendida pelo bem das manifestações mais corruptivas, aliás, por todas as manifestações, independentemente do que for defendido.

O problema que é verificado prende-se com a possibilidade de os profissionais de humor se confrontarem com algum tipo de limitações na criação e apresentação do seu trabalho. Significando que existe um limite à liberdade de expressão – caso esta exista –, que importa explorar e perceber porque existe esse limite e quais são as formas de o impor, bem como as razões associadas.

Partindo desta hipótese, a tese que aqui se apresenta assenta numa questão: a comunicação através da comédia permite uma maior liberdade de expressão que noutras condições não é possível? A partir desta premissa desenrola-se a pesquisa sobre os diferentes temas envolvidos, o humor, a liberdade de expressão e o politicamente correto.

O primeiro capítulo desta dissertação começa por distinguir o riso e o humor, apresentando o que está por trás da referência de cada um deles e o valor que adquirem na experiência do indivíduo. Pretende-se, nesta primeira parte, explorar as diferentes teorias sobre humor e processos cômicos, através de uma revisão dos autores mais relevantes que se debruçaram sobre o tema.

De seguida, o segundo capítulo incide sobre a teorização da liberdade de expressão e o desenvolvimento do politicamente correto. São apresentadas as teorias de Stuart Mill e Hume como base à defesa pela liberdade de expressão.

No terceiro, e último capítulo, visa-se dar voz aos humoristas, depois de apresentados os temas teóricos, ainda que em constante relação com as entrevistas realizadas, reservou-se a este capítulo uma centralização sobre a experiência destes profissionais. Assim, é dado um enfoque maioritário às palavras registadas nas conversas, com o objetivo de fazer transparecer as opiniões que são partilhadas ou não.

Tenta-se, desta forma, conhecer melhor o enredo entre a liberdade de expressão e o humor, trazendo os profissionais cômicos a participar na exploração do tema, no papel de entidades influentes e que sofrem influência do meio. Pretende-se, assim, contribuir para um melhor entendimento sobre a sua realidade e, paralelamente, trazer um velho tema à discussão antropológica, como o é a liberdade de expressão, oferecendo um pequeno contributo à luz do pensamento contemporâneo.

Metodologia

Para levar a cabo esta dissertação, pretende-se ter em conta testemunhos atuais sobre o dualismo em questão humor-liberdade de expressão; para tal encontrou-se na figura do humorista, enquanto profissional, a forma mais adequada de perceber a que implicações está sujeito o conteúdo humorístico, no caso, conteúdo que é produzido pelos próprios entrevistados.

Para tal, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas, tendo em conta a seguinte definição de Dawson, “in this type of interview, the researcher wants to know specific information which can be compared and contrasted with information gained in other interviews. To do this, the same questions need to be asked in each interview. However, the researcher also wants the interview to remain flexible so that other important information can still arise.” (Dawson, 2002:28). Portanto, o objetivo deste método é permitir a comparação entre as respostas à mesma questão, ao mesmo tempo que há a liberdade de introduzir novas questões, impedindo que a entrevista se torne um modelo rígido de respostas fechadas.

As entrevistas realizaram-se ao longo de quatro meses, entre fevereiro e maio de 2017, durante os quais foram realizadas oito entrevistas, duas delas respondidas por escrito, devido a indisponibilidade de agenda do humorista no primeiro caso e no segundo caso por o humorista ter residência fora do país. Essas entrevistas representaram uma exceção, uma vez que se pretendia que fossem todas presenciais. Em média, tiveram uma duração de uma hora de conversa gravada com autorização do entrevistado, tendo por base sete perguntas padrão (que se encontram na seção “anexos”), de conteúdo abrangente tentando não enviesar o discurso, bem como deixar espaço a outros temas ou perguntas.

Existem algumas nuances sobre as entrevistas ou entrevistados que se creem relevantes de referir. Em primeiro lugar, prendem-se com o critério de escolha dos entrevistados, que se definiu pelo estatuto profissional de humorista, ou seja, quem faça do humor profissão e não quem possa surgir de momento no meio, garantindo alguma experiência no seio humorístico. Apesar deste critério, o primeiro entrevistado não é humorista, mas sim jornalista. Nelson Nunes lançou o livro *Com o humor não se brinca*, em outubro de 2016, e foi como autor deste livro que houve propósito para a entrevista, uma vez que devido ao seu conhecimento e partilha de experiência tão relevante, ganhou pertinência para a pesquisa. Um dos cartoonistas entrevistados, Luís Afonso, não se revê como humorista, e não se pretende aqui impor denominações erradas aos intervenientes, porém, a sua carreira de 30 anos como cartoonista, é uma mais-valia que enriquece este trabalho.

Capítulo 1

O humor e o riso

Escreveu Aristóteles em *As partes dos animais* que o homem é o único animal que ri (Alberti, 1995:8), referindo-se a homem como o ser humano, mas sem o deixar de colocar no reino animal. Cientistas já comprovaram como o riso dos chimpanzés e orangotangos é muito semelhante ao dos humanos, ambos o usam como reação a cócegas (Bateson, 1952:13), por exemplo, e até mesmo em ratos (Scott, 2014), mais distantes dos seres humanos, foi encontrada também resposta a cócegas em forma de riso. Ou seja, se a afirmação se refere ao riso como reação anatômica, temo que Aristóteles se possa ter precipitado, por outro lado se pensava no riso humorístico, este sim será exclusivo do ser humano.

Ainda que o riso e o humor estejam intimamente ligados, importa perceber do que se trata cada um deles, bem como saber a que nos referimos quando são enunciados ao longo do texto.

1.1 Distinção entre humor e riso

“One of the rather curious things about *homo sapiens* is laughter, one of the three common convulsive behaviors of people in daily life, the others being grief and orgasm.” (Bateson, 1952:2) Sendo um comportamento convulsivo no ser humano, o riso é uma reação inevitável, mas não lhe deve ser atribuída automaticamente uma razão cômica, refere Driessen que apesar de o humor estar intimamente relacionado com o riso, não é realmente necessário rir para apreciar uma piada, nem todos os acontecimentos que desencadeiam riso são humorísticos (Driessen, 2015: 416), poderemos pensar no riso por nervosismo ou no que é desencadeado por cócegas.

Diferenciar riso e humor é fácil de fazer vendo o primeiro como resultado do segundo, mas vai para além disso. O humor exige a partilha de informação cultural, enquanto o riso provoca sentimentos de prazer, que se tornam num incentivo positivo ao humor. (Polimeni e Reiss, 2006:351)

Poderemos até assumir o riso como consequência do humor, desde que não seja esse o limite, o riso é um espasmo físico e o humor exige referências culturais e intelectuais, são “cócegas na inteligência”, palavras de Herman José (em entrevista), o riso tem vários impulsionadores desde o nervosismo ao alívio, e o humor, também.

O riso, como aprofundaremos de seguida, tem um importante papel no estabelecimento de relações entre seres humanos, tal como o humor, embora as suas formas de atuação sejam diferentes, este último implica uma conexão mais profunda de sentidos, a partilha de um sentido de humor semelhante entre um grupo cria um sentimento de pertença e de partilha que vão muito além da empatia transmitida pelo riso

Passemos em revista alguns exemplos encontrados na literatura, onde se refere esta distinção, tendo sempre presente que não existe uma definição de riso ou humor que seja entendida como universal. Existem vários pontos de convergência, mas não é possível referir uma explicação como definitiva.

O grupo de investigadores que se debruçou sobre o impacto neurológico do humor não conseguiu ainda explicar a relação positiva que tem, no entanto, fazem uma distinção clara entre humor e riso:

“Laughter occurs in all cultures worldwide and is a universal component of the human experience. In human infants, laughter is one of the first social vocalizations, and laughter’s early onset (at approximately 4 months of age) in response to the actions of the others suggests that it has innate components. In contrast to laughter, which is generally understood to be a reflex-like physiological-behavioural response, humour is believed to represent a rather complex higher-order emotional process. Specifically, «humour is a broad term that refers to anything that people say or do that is considered funny and tends to make others laugh, as well as the mental processes that go into both creating and perceiving such an amusing stimulus, and also the affective response in the enjoyment of it». Despite such multiple usages and definitions of humour, nearly all of us can easily recognize humour when we experience it.” (Vrticka et al., 2013:1)

Polimeni e Reiss apresentam o riso e humor como fatores de seleção entre grupos, desempenhando o humor um papel importante no que toca à coexistência social, com particular relevância no que toca à gestão de conflitos. Os dois autores acreditam que o humor tem um papel muito importante na diminuição de tendências agressivas, funcionando como uma forma de alívio pela sua capacidade de “injetar sentimentos positivos”.

“Humor is a form of complex communication – a trait only seen when animals aggregate with lesser related individuals. Laughter is preferentially shared by lesser related individuals and non-kin. Humor is not deceptive in nature – in fact, it is just the opposite. Although humor can be used to probe social issues or advance personal agendas, the bulk of information revealed by humor is shared by the community and therefore can be considered altruistic. Although humor perception appears to be quite uniform, greater variability is observed on the production side (greater variability in a trait could suggest a group selected trait through adaptive specialization). Clowns (another funny people) could represent “humor specialists,” evolved to reduce tense social situations through humorous injections.” (Polimeni e Reiss, 2006: 361)

Os mesmos autores apresentam também a teoria de Jung, com base na obra *The Inner Eye theory of laughter*, que mantém a relação humor-riso como meio essencial ao estabelecimento de relações.

“W. E. Jung (2003) suggests that the fundamental evolutionary purpose of humor and laughter was to facilitate cooperation between people. According to Jung, the ability to attribute mental states to others (theory-of-mind) is humor’s most essential feature. His “Inner Eye” theory proposes that “laughter is a signal that facilitates cooperation by transfer of information on the laughter’s empathy with attributed mental states and his sympathy levels for others.” Ultimately, a laughing response signals that one is both ready and able to cooperate.” (Polimeni e Reiss, 2006: 352)

Por último, Driessen mostra como o humor tem uma atuação mais profunda do que o riso. Entrando em várias esferas da vida social e não só em grupos de pertença, o riso é por si só uma forma única de comunicação que permite a partilha de ideias ao mesmo tempo que produz sensações prazerosas de entretenimento.

“Given the Protean nature of humor and its widely diverse manifestations, it is not surprising that there is no universal structure of meaning to humor. Its content largely relates to commonly experienced ambiguities, dilemmas, and paradoxes that are part of the human condition. Humor is one of the ways to deal with such experiences, and this is the universal meaning of humor. Much humor involves entertainment. It produces pleasure and smoothes social interaction. One of the most widespread popular psychological and functionalist theories has it that humor plays an important role in conflict resolution by releasing tension. Related theories hold that it is a tool of cultural critique and social control by highlighting taboos and key values. Another social function of humor and joking is that they mark group boundaries and help to promote a sense of belonging both in face-to-face and digital communities, sometimes by testing and challenging social cohesion.” (Driessen, 2015: 418)

Como podemos perceber pelos exemplos aqui apresentados, a total separação de riso e do humor não é linear, e provavelmente não deveremos sequer insistir na procura de definições individualizantes que se tornariam erradas e incompletas.

Numa coisa os vários humoristas entrevistados concordam, definir o que é o humor é uma tarefa difícil de conseguir de forma completa ou universal, “cada pessoa tem a sua própria definição do humor” – Paulo Almeida, “eu acho que não há uma definição para o humor, o humor varia com a postura de cada pessoa” – Cristina Sampaio, “podes não rir das mesmas coisas que para outra pessoa são humorísticas” – Rui Cruz, “Todas as considerações sobre humor são incompletas.” – escreveu Ricardo Araújo Pereira⁴, ainda que a relação entre o humor e o riso seja um facto incontornável, é árdua a tarefa de explicar o que conduz a que um provoque o outro.

Importa, no entanto, conhecer o que cada um dos termos implica e esclarecer o que é entendido como humor, e ao que nos referimos quando usamos o termo, de modo a esclarecer a importância do mesmo, cuja exploração se pretende fazer ao longo deste trabalho. Exposta esta distinção, passamos agora à valorização que se dá ao riso para o ser humano, desenvolvendo com mais detalhe algumas das ideias já apresentadas.

⁴ In “A doença, o sofrimento e a morte entram num bar”, 2016:15.

1.2 Importância do riso

O riso não é exclusivo da comédia, mais do que resultado de uma boa piada, faz parte da interação entre seres humanos. Subjacente à empatia está o riso. Guilherme Duarte⁵ acredita que não há um grupo de amigos que não se ria quando está reunido, o que comprova Sophie Scott quando diz: “if you look when people laugh, you laugh when you are with other people, it is a social behavior, you’re thirty times more likely to laugh if you know this people, if you like these people, or if you want them to like you, so it’s something we doing when we’re with other people, and we do it a lot!” (Scott, 2014).

Tanto Guilherme Duarte como Cristina Sampaio⁶ pensam nesta possível empatia criada pelo riso como um fenómeno que se estende ao âmbito profissional humorístico, ultrapassando a relação de amizade ou simpatia criada de forma mais pessoal, cara a cara, e intervindo na relação humorista–público. O primeiro acredita que quem segue o seu trabalho fá-lo porque mais do que rir das suas graças, partilha de uma identificação de ideais com ele próprio, ou com a ideia que for construída através do seu trabalho público, uma vez que esta identificação não supõe um conhecimento pessoal do humorista. Esta empatia que é criada pelo público resulta num comportamento semelhante ao que Sophie Scott apresenta, quanto maior é a identificação com o humorista, maior será a tendência tanto para rir do que apresenta como para melhor aceitar os temas tratados. Já Cristina Sampaio fala em entrevista de um culto da personalidade que, de uma forma geral, não se aplica exclusivamente ao contexto humorístico; ela refere-o como uma das razões para os *stand-up comedians* conseguirem mais notoriedade do que os cartoonistas, uma vez que estes estão “atrás dos desenhos, muitas vezes não se sabe quem é o desenhador”, enquanto que no caso de um comediante a personalização é maior, e, conseqüentemente, a identificação e empatia também o serão.

Voltando a Aristóteles, Mikhail Bakhtin refere-se à sua célebre frase traduzida como “o homem é o único ser vivo que ri” explicando que, como lhe é atribuído um sentido religioso, o riso é dado exclusivamente ao homem como demonstração de um privilégio em relação às outras criaturas, aproximando-o mais de deus. “Segundo Aristóteles, a criança só começa a rir no quadragésimo dia depois do nascimento, o momento em que se torna pela primeira vez um ser humano.” (Bakhtin, 2002:59)

⁵ Guilherme Duarte (Amadora, 1984) é humorista, autor do *Por Falar Noutra Coisa*, distinguido como o melhor blogue do ano em 2016, *stand-up comedian*, e escritor, com dois livros editados. Faz *stand-up* desde 2014, desde então já participou no *Graças a Deus* e no *Conta-me Tudo* no canal televisivo Canal Q, no *Famous Comedy Fest*, no Palco Comédia do festival *NOS Alive*, em 2015 e 2017. Realizou, em parceria com Ricardo Cardoso, uma série de *sketches* de humor com o nome *Falta de Chá*, com dez episódios e mais de cinquenta *sketches*. Em 2017, apresenta o seu primeiro espetáculo de *stand-up* a solo.

⁶ Cristina Sampaio (Lisboa, 1960) é ilustradora e cartoonista em vários jornais e revistas, tanto portuguesas (*Público*, *Expresso*, *Diário de Notícias*) como internacionais (*Courrier International*, *Kleine Zeitung*, *Puls Biznesu*, *Boston Globe*, *Wall Street Journal* e *New York Times*). Colabora no Spam Cartoon, uma plataforma Spam Cartoon presente na *web* que se diz ser “uma nova raça de humor gráfico: animações curtas que riem sobre questões políticas, estrelas, rancores, atmosferas, catástrofes e, quem sabe, ex-namoradas”.

No seguimento desta relação do riso da criança, que Aristóteles apresenta como um marcador à própria existência humana, Fremont-Smith afirma que: “one of the early ways of communication between the mother and the baby is the mother’s smile to the baby which a little later is responded to by a smile on the part of the baby. The mother’s smile is one of the basic means of reassurance to the small child.” (Bateson, 1952:15). Aqui é também demonstrado o valor inerente do riso, não tanto como transformação de um ser humano completo, mas como o início de criação de laços, será precisamente o riso uma das primeiras reações da criança ao mundo exterior. Assim, como já foi referido, diz Pascal Vrticka: “Laughter occurs in all cultures worldwide and is a universal component of the human experience. In human infants, laughter is one of the first social vocalizations, and laughter’s early onset (at approximately 4 months of age) in response to the actions of the others suggests that it has innate components.” (Vrticka et al., 2013:1)

Desde o berço presente na vida de qualquer indivíduo, o riso é apresentado como uma qualidade inata ao ser humano e essencial à capacidade de estabelecer relações com outros, sejam elas empáticas ou de maior intimidade.

Radcliffe-Brown, em *A further note on joking relationships*, aponta como estas relações, segundo os registos etnográficos, se desenvolveriam entre indivíduos com elos de parentesco, incluindo os que são criados através do casamento, ainda que as conexões familiares sobressaíam, pode também acontecer outro tipo de “joking relationship” entre os membros de um grupo, no qual se permite que um membro seja insultuoso dirigindo-se a outro, sem que isso provoque conflito, pelo contrário, é um comportamento jocoso no grupo, sem carácter depreciativo (Radcliff-Brown, 1949:136). O que coincide com a ideia apresentada anteriormente por Guilherme Duarte, um grupo de amigos ri em conjunto, é um dos elementos agregadores, seja partilha de um sentido de humor semelhante como a permissão de uma troça mútua, que no caso, funciona como forma de sociabilização.

Uma “joking relationship” é uma “combinação de amizade e antagonismo”, são relações que permitem um desrespeito que é consentido por ambas as partes e não deve ser interpretado como uma ofensa, tudo não passa de um gracejo, e este facto permite que a relação se mantenha. Distingue-a como uma das formas de aliança a par do casamento ou de trocas de bens e serviços, onde a única obrigação é não tomar como ofensa o que é dito, nem ultrapassar os limites impostos por normas sociais (Radcliff-Brown, 1940:208).

Bergson afirma que o riso tem um significado social, “deve corresponder a certas exigências da vida em comum”, pode estar dependente da pertença a um grupo ou da partilha de alguns conhecimentos comuns, exigindo, portanto, alguma cumplicidade entre os intervenientes. (Bergson, 1983:8)

O riso mostra-se essencial às relações humanas. E também Bateson corroborou as afirmações anteriores, referindo-se ao riso como uma ponte entre duas pessoas, forma de aceitação e demonstração de afeto. “I think we are clear on the reassuring aspects of laughter, the in-group statements, the affirmation of group membership which is implied when both individuals laugh or

smile.” (Bateson, 1952:15). Trata-se aqui de um riso voluntário, tão normal que passa a fazer parte da própria linguagem, diz o autor que chega a tomar o mesmo valor que palavras. Partindo daqui, a pergunta que se mantém é outra: “the problem (...) is that of involuntary laughter and its antecedents, rather than the problem of the function of laughter between two persons in melting the ice” (Bateson, 1952:15).

Para Bateson, o valor do riso na interação entre indivíduos parece bastante clara, é um “facilitador social”; nas palavras de Rui Cruz, o que o intriga é o “riso involuntário”, aquele que não foi previsto nem tem função empática. Tentemos, então, clarificar.

Segundo Bergson, a “comicidade dos acontecimentos pode definir-se como um desvio das coisas”, como quando alguém cai na rua pode fazer rir quem assiste exatamente pela quebra de normalidade, porque não se espera que aconteça nem é sequer desejado. É um automatismo que se quebra, sendo este automatismo a própria vida, e a quebra, uma lembrança da imperfeição individual e coletiva (Bergson, 1983:43). O autor referido distingue o riso como resposta a um acontecimento inesperado, e a não ser que advenha algum dano à pessoa em questão, resultará em riso. Um dos exemplos dados no qual nos podemos rever trata-se da queda de uma pessoa, imagine-se alguém apressado ou mesmo a correr que de repente cai, perante isto, Bergson diz que não se irá pensar que se deve a uma vontade repentina de se sentar, a quem assistir ao sucedido provoca riso, a não ser, como já foi dito, que a queda tenha um resultado trágico para o indivíduo.

“Rir é sempre um rir de qualquer coisa ou de alguém. Pergunta-se sempre a quem ri do que é que está a rir. Por conseguinte, o riso é essencialmente uma relação com o mundo, isto é, determina-se no encontro com o motivo que é a sua origem.” (António Guerreiro, 2013:29). Pois se rir obriga a um motivo, e é sobre esse motivo que se mantém a dúvida de Bateson, continuemos a procurar uma resposta através da obra de Bergson, que apresenta os processos cômicos.

Mas antes de avançar, importa ainda referir que o riso tem também vantagens a nível físico, que são enunciadas na citação que se segue, onde se percebe que humor e riso estão bastante entrelaçados, ambos contribuindo positivamente tanto para a saúde mental como física do ser humano, assim o diz Vrticka:

“Humour helps us to communicate ideas, attract partners, boost mood and cope in times of trauma and stress. These beneficial manifestations are complemented at the physiological level, with humour acting as natural stress antagonist that can potentially enhance the cardiovascular, immune and endocrine systems. Examples of such positive effects of humour on physiology include faster cardiovascular recovery, decreased cortisol levels after stress and improved natural killer cell activity. Furthermore, as a prototypical positive human cognitive state, humour can increase life satisfaction by building resilience.” (Vrticka et al., 2013:1)

Rui Sinel de Cordes aponta precisamente este aspeto quando questionado sobre o que é o humor, “é a melhor maneira de combatermos as adversidades da vida, de procurarmos outras explicações para o que está estabelecido, uma forma de catarse para algo que nos incomoda”,

mostrando como para si o humor, além de ser o seu instrumento profissional, tem uma representação muito mais ampla a nível emocional.

1.3 Processos cômicos

A definição do que faz rir foi apresentada por vários autores e filósofos, entre eles Aristóteles, segundo o qual “o que provoca o riso é um defeito ou uma deformidade indigna de piedade” (Alberti, 1995:3). Entram nesta classificação, uma queda na lama ou comer algo de boa aparência que pelo contrário não sabe bem (idem), o que nos leva ao encontro da teoria apresentada por Bergson e dos processos cômicos que são apresentados de seguida. O riso é provocado por situações inesperadas e resultados diferentes dos esperados desde que não produzam consequências graves.

Os três processos definidos por Bergson correspondem à repetição, inversão e interferência, que ele explora individualmente.

A repetição, como o próprio nome indica, trata-se de algo que acontece repetidas vezes, não se tratando de expressões ou palavras, mas de acontecimentos. A repetição em causa é a de circunstâncias e ocasiões que se repetem, que contrastam “com o curso cambiante da vida”. O autor dá o exemplo do encontro entre dois amigos que não se viam há bastante tempo, se por coincidência voltam a encontrar-se uma segunda ou terceira vez nesse mesmo dia, a situação torna-se cômica pela repetição do acontecimento.

A inversão corresponde também a uma situação, algo que corresponde a um mundo às avessas, imaginemos uma criança a ter um comportamento semelhante a um adulto, ao querer transmitir um ensinamento ou porque tenta dar uma “lição de moral”, esta inversão do que é esperado de uma criança e da ação que apresenta, seja intencional ou não, provavelmente fará rir quem assiste. “Trata-se sempre, no fundo, de uma inversão de papéis, e de uma situação que se volta contra quem a criou.” (Bergson, 1983:47)

Por último, a interferência designa-se desta forma devido à possibilidade de uma situação tomar dois sentidos diferentes, ou seja, um significado interfere no outro. Podemos perceber uma segunda intenção transmitida pela ação ou fala da pessoa ou ator, que ganha um efeito cômico, situação que pode ser encontrada no teatro de revista, por exemplo, onde através de jogos de palavras e trocadilhos são transmitidos os significados cômicos que a interpretação literal pode não transmitir.

Apresentados os processos cômicos presentes na obra de Bergson, percebemos que eles vão inevitavelmente conduzir à definição mais geral que o mesmo autor dá sobre a comicidade das coisas, quando diz que se trata de um desvio da normalidade. Os três processos enunciados

referem-se precisamente a situações que contrariam a mecanização da vida. (Bergson, 1983:44-49)

Posteriormente a Bergson, outros autores se debruçaram sobre as possíveis razões que justificam o riso, porém, estas mostram-se bastante próximas das que apresentamos acima, contribuindo para a comprovação da obra inicial, como o artigo *What makes things humorous* (Caleb Warren and Peter McGraw, 2015) que apresenta a teoria da *benign violation* como uma regra para existência de humor. Quando acontece uma violação da normalidade, mas essa violação não provoca dano, é uma *benign violation*, e é possível que se produza uma situação humorística. Como a queda de alguém numa casca de banana, se a queda não resultar em consequências mais graves do que a própria queda, pode tornar-se um motivo de riso; enquanto que se da queda a pessoa sair magoada, a possível troça não acontece, porque neste caso sobrepõe-se a compaixão, segundo Verena Alberti. Esta *benign violation*, defendida por Caleb Warren e Peter McGraw, assemelha-se à comicidade provocada pelo desvio das coisas, introduzida anteriormente por Bergson.

1.4 Teorias de Humor

Segundo John C. Meyer existem três teorias sobre o humor⁷: a teoria do alívio, da incongruência e da superioridade.

A primeira baseia-se numa crença de alívio do sistema nervoso como impulsionador de humor. Esta teoria estabelece uma maior relação com as manifestações psicológicas, uma vez que o humor acontece como consequência do desaparecimento de uma tensão inicial. Esta tensão pode ser intencional, por exemplo, como técnica usada pelo humorista de, em primeiro lugar, criar uma situação de tensão para logo de seguida culminar a piada destruindo-a (ao reduzir a tensão, torna a piada mais eficaz).

O desenvolvimento desta teoria é atribuída, entre outros autores, a Sigmund Freud. Num pequeno artigo intitulado *Freud and the language of humour*, Michael Billig, interpreta o que diz ser o melhor trabalho de Freud sobre humor, *Jokes and their relation to the unconscious* (com primeira publicação em 1905), onde esclarece como na teoria freudiana as piadas são equiparadas aos sonhos, uma vez que ambos são a expressão de instintos reprimidos. A necessidade de reprimir determinados pensamentos deve-se ao conflito entre os institutos do ser humano e do que é socialmente aceite. Numa sociedade onde instintos sexuais e agressivos não são bem-recebidos, eles acabam por ser partilhados de formas menos sérias, usando o

⁷ As três teorias aqui apresentadas são amplamente descritas em vários artigos que exploram o tema, entre eles: *"The neural basis of humor processing"*, *"Reassessing the right to laughter: humour, dissent and the liberal imagination"*, *"Humor within context of death and tragedy"*, *"Humor and Superiority"*, *"The philosophy of humor"*. Sendo que em todos os aqui apresentados se encontram referência às três teorias descritas de forma semelhante, com mais ou menos detalhes, mostrando a aceitação generalizada que têm ganhado, mesmo por parte dos humoristas, Guilherme Duarte referiu-as no decorrer da entrevista e Ricardo Araújo Pereira faz também referência no seu livro de 2016.

humor como uma rebelião à ordem social. O humor torna-se, portanto, um escape às regras instauradas socialmente, uma libertação da repressão social.

A teoria da incongruência aplica-se quando um determinado padrão é violado, uma diferença é notada, diferente o bastante para se distanciar da normalidade, mas próxima o suficiente para não ser ameaçador. Neste caso não são tão relevantes os efeitos psicológicos, mas sim a capacidade cognitiva de compreender padrões quotidianos, para posteriormente identificar e categorizar as diferenças de comportamento que geram humor nessa incongruência de comportamento. O humor, seguindo este ponto de vista, surge pela surpresa de um novo contexto que é criado, seja através de uma nova interpretação ou de uma situação criada que parece seguir o seu percurso normal mas é interrompida por algo inesperado.

Esta perspectiva acompanha a narrativa do humor enquanto aptidão exclusiva do ser humano, visto que implica uma compreensão do que são fenómenos sociais assim como a percepção de que alguma coisa se desenrola além da norma institucionalizada socialmente.

Raul Solnado interpretou *A Guerra de 1908*, que conta a história de um jovem que, pouco depois de se encontrar desempregado, encontra um anúncio no jornal que dizia: “Precisa-se soldado que mate depressa”, após ponderar com a família decide alistar-se. Um original do espanhol Miguel Gila, que Solnado levou a cena no teatro de revista *Bate o Pé*, em outubro de 1961, agora servir-nos-á de exemplo a este humor que interrompe a normalidade dos acontecimentos:

Cheguei à guerra eram sete horas da manhã, estava a guerra ainda fechada, e estava uma senhora que vendia castanhas à porta da guerra, e eu perguntei:

– Minha senhora, faz favor, aqui é que é a guerra de 1908?

E ela disse:

– Não senhor, aqui é a guerra de 1906. A guerra de 1908 é mais acima.

– Muito obrigado.

E subi dois anos. Cheguei lá acima já estava a abrir as portas da guerra que eram nove e tal, e estava o sentinela que me perguntou:

– Vens ao anúncio?

– Venho.

– E matas depressa?

– Por enquanto ainda só mato assim-assim, preciso de treinos.

Então, ele levou-me ao capitão, e o capitão perguntou-me se eu trazia espingarda, e eu disse que não trazia que até pensava que ferramenta davam lá eles. E eu disse:

– Eu trago é uma bala que um vizinho meu guardou de recordação da guerra dos cem anos.

E diz o capitão:

– E como é que tu vais matar só com uma bala?

– Então, eu disparo a espingarda e depois vou lá buscar a bala.

Disse o tenente:

– Pois, e a guerra vai parar de dois em dois minutos por sua causa, não é!?

Então, o sargento disse:

– Olha, a gente podia era atar uma gaita à bala e depois puxava-se a bala.

E diz o capitão:

– Depois parte-se a gaita, perdes a bala, é tudo prejuízo, não é!?

Então eles fizeram uma conferência, deram-me seis balas e mandaram-me matar.⁸

Por fim, a teoria da superioridade implica uma perspectiva superior em relação a alguém ou algum grupo, o humor resulta ao notar-se um comportamento irracional ou inesperado. Há um alvo que é categorizado como ignorante, o que torna esta teoria a mais hostil das três, visto que implica fazer de um sujeito um objeto risível, fazendo troça do seu comportamento. Esta hostilidade humorística pode ter objetivos práticos, citando Meyer: “Two important effects of superiority humor follow: Human society is kept in order as those who disobey are censured by laughter, and people are made to feel part of a group by laughing at some ridiculed others.” (Meyer, 2000:315) Ainda que esta forma de humor se apresente com um tom mais depreciativo, que não há forma de rejeitar, não tem de envolver uma troça sobre um indivíduo, ela acontece em situações de rivalidade onde um grupo se quer elevar perante o outro, como na piada: “O que tem de mais bonito a cidade de Gaia?”, ao que um português responderá: “A vista para o Porto.” Facilmente as cidades referidas podem ser trocadas na formulação da piada, passando a vista para Gaia a ser o ponto forte da cidade do Porto. Serve este exemplo para demonstrar como o humor baseado na superioridade não tem de ser dirigido a um indivíduo ou grupo restrito de indivíduos, pode construir-se através de grupos mais alargados; em todo o caso, o objetivo será semelhante, passar uma mensagem de superioridade perante o que se opõe.

“I may therefore conclude, that the passion of laughter is nothing else but sudden glory arising from some sudden conception of some eminency in ourselves, by comparison with the infirmity of others, or with our own formerly: for men laugh at the follies of themselves past, when they come suddenly to remembrance, except they bring with them any present dishonour.” (Thomas Hobbes, 1840:46). Um dos autores que contribuiu para o desenvolvimento desta teoria foi o que acabamos de citar, Thomas Hobbes acrescenta ainda como rir de nós próprios é também um exemplo de humor por superioridade, através de um distanciamento entre o *eu* atual e o *eu* do passado, desde que, como é referido acima, a troça em questão não ponha em causa o *eu* atual.

⁸ Este excerto foi escrito com base na *performance* de Raul Solnado disponível em vídeo no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=a6oOw7-0lt4>.

Capítulo II

O humor e liberdade

2.1 Liberdade de expressão

O ideal de liberdade de expressão e pensamento que serve de base a esta pesquisa baseia-se principalmente na obra de John Stuart Mill, uma obra com dois séculos, que ainda assim se mantém atual e possível de analisar à luz das especificidades humorísticas.

Este autor defende que nenhuma sociedade é livre se nela não forem respeitados três domínios de liberdade que o próprio distingue. Em primeiro lugar, encontra-se o “domínio íntimo da consciência”, a forma de liberdade mais pessoal de todas, que se refere à liberdade de pensar e sentir, “liberdade absoluta de opinião e de sentimento sobre quaisquer assuntos, práticos, ou especulativos, científicos, morais ou teológicos.” Inclui-se também a liberdade de exprimir ou publicar opiniões, uma vez que se encontram intimamente ligadas, e diz respeito a uma conduta pessoal. Em segundo lugar, apresenta a liberdade de escolha no percurso que o indivíduo deseja para a sua vida, ainda que pareça louco ou errado a outros, desde que não prejudique ninguém, as opções individuais de vida devem ser respeitadas. Por fim, em terceiro lugar, Stuart Mill apresenta a liberdade de associativismo, desde que não seja coagido a tal ou tenha como motivo causar dano a outros, todo o indivíduo deve ser livre de se unir a outros.

Partimos da defesa pela liberdade de pensamento e expressão acreditando que é acima de tudo o que faz o ser humano avançar e se desenvolver, o que permite a partilha de informação, a discussão de ideias e a possibilidade de confronto de crenças variadas ou mesmo opostas. Revê-se nestas liberdades a verdadeira liberdade do indivíduo, de pensar no que bem entender e, mais ainda, de ser livre de expressar o seu pensamento seja ele qual for.

Encontra-se nas palavras de Stuart Mill, a defesa pela liberdade de uma forma consciente e fundamentada, tendo em conta que existem dois lados, o locutor e recetor, o que se reflete na constante salvaguarda que o autor dá à possibilidade de se causar prejuízo a outros se as nossas ações não forem medidas. Apesar da grande importância e valor que o autor coloca nas diferentes liberdades, ele faz questão de enunciar os seus limites, que não se traduzem em restrições de pensamento ou de opinião, mas antes no bem-estar do outro.

Mick Hume é um pouco mais radical na defesa pela liberdade de expressão, ainda que a defenda nos mesmos termos que Stuart Mill. Enquanto este último demonstra uma constante preocupação ao longo do seu discurso em preservar o outro, Hume, como indica o título do seu

livro na tradução portuguesa⁹, pensa na ofensa como um direito, clarifica que não se trata de ofender por ofender, não defende que se diga tudo sem medir as palavras, trata-se, sim, de não deixar de pensar ou dizer determinada coisa com receio de que seja uma ofensa para alguém. Diz ainda: “O direito a ofender é, na verdade, a vanguarda, o coração, da liberdade de expressão e de imprensa.” (Hume, 2016: 49). Essencialmente, o autor acredita que nenhum discurso deve ser conduzido consoante as ideologias ou credos de quem o ouve.

Referir a ofensa como sucedânea da liberdade de expressão conduz-nos novamente para a liberdade humorística. Como foi referido anteriormente, uma das condições das *joking relationships* entre um grupo de amigos é a possibilidade de ofender sem que essa ofensa seja entendida como tal, ou seja, o conteúdo é ofensivo, mas não tem como objetivo ofender. Vale a pena conhecer a explicação que Rui Cruz¹⁰ desenvolveu sobre o porquê de o humor se tornar ofensivo, que passa por uma desilusão na piada e pela proximidade sobre o assunto usado na piada.

“O humor nesse aspeto é mais complicado do que nas outras artes porque a reação a um quadro, a um livro ou a um filme não é tão imediata como é com uma piada. A reação física da pessoa que se ri é impossível de disfarçar, a pessoa está-se a rir e tu vês, enquanto que por exemplo uma pessoa pode ver um drama ou um quadro que a emocione, mas tu não notas fisicamente a reação dela. As pessoas quando não gostam de uma piada, como o humor é uma cena tão imediata, quando não gostam de uma piada parece que ficam mais desiludidas do que quando não gostam de um filme ou não gostam de qualquer outro tipo de arte. E, claro, há pessoas que vociferam essa desilusão, há outras que não. Há uma diferença entre não gostar de uma piada e ficar ofendido, o não gostar as pessoas passam à frente, quando ficam ofendidas é que dizem alguma coisa, normalmente. E no humor é muito fácil ofenderes alguém porque a brincadeira nunca é levada tão bem como uma opinião, com uma brincadeira começa a tirar a carga séria do assunto, e as pessoas levam a mal quando tiras a carga séria de um assunto que lhes é próximo, e por isso é que a comédia é tão descortinada.” (Rui Cruz, em entrevista)

Ao longo da história, viveram-se épocas em que se obrigou o ser humano a medir palavras. Vendo-se impedido de falar nas suas próprias medidas, o Homem tem vindo a mostrar novas formas de se reinventar, ludibriando os limites que lhe são impostos, Portugal é um exemplo disso, no tempo do lápis azul¹¹ as publicações eram controladas por agentes mal instruídos e pouco sensíveis, capazes de proibir o que não era nefasto, mas porque não o percebiam.

⁹ A obra de Mick Hume referida tem como título original *Trigger Warning – Is the fear of being offensive killing free speech?*, tendo sido traduzida para português como: *Direito a Ofender – A liberdade de expressão e o politicamente correto*.

¹⁰ Rui Cruz (Arganil, 1987) é humorista e guionista. Como *stand-up comedian* apresentou o seu primeiro espetáculo a solo em 2015 e estreará o segundo no corrente ano de 2017. Correu o país com o espetáculo *Overdose de Tourette* que contava com a participação de outros três humoristas. Como guionista colaborou em programas televisivos como o *5 para a meia noite*, *Very Typical*, *Sábado à luta*, *Roleta Russa*, entre outros. Na rádio colaborou na rubrica dos *Homens da luta*, na Antena 3, e no programa *Dona Branca e os seus 3 maridos*, na SuperFM.

¹¹ “O “lâpis azul” foi o símbolo da censura e da época da ditadura portuguesa do século xx. Os censores do Estado Novo usavam um lápis de cor azul nos cortes de qualquer texto, imagem ou desenho a publicar na

“Duradouras e profundas foram as transformações nas relações sociais, nos valores e nas mentalidades, com reflexos visíveis na vida quotidiana dos portugueses. Se a liberdade não é tudo em economia ela provoca uma ventania nos costumes e valores, à qual os grandes órgãos de comunicação de massa de transmissão instantânea emprestam uma força incalculável.” (José Mattoso, 1993:139).

Refere-se esta época particular de censura nacional uma vez que é referida como uma das razões para que não se consiga individualmente uma liberdade completa, tema a que voltaremos mais à frente. As palavras do historiador José Mattoso mostram como o exercício da liberdade tem consequências individuais e coletivas, essenciais a uma constante renovação e abertura a novas ideias e valores.

A ventania a que se refere Mattoso resulta do confronto de ideias e opiniões, não necessariamente de ofensa. “Se a cultura da compreensão consiste numa coisa mais do que noutra é certamente em aprender os fundamentos das próprias opiniões duma pessoa.” (Stuart Mill, 2010:46)

A questão que surge a partir da luta da liberdade de expressão é a prevalência de uma opinião sobre a outra. Se o indivíduo se quer livre terá tanto de lutar pela sua liberdade como pela do seu semelhante. Quando tal não acontece, se cada parte não estiver disposta a ouvir a outra, a discussão de opiniões ou crenças deixa de ser possível.

Pensemos no que implica a liberdade de expressão. Idealmente, cada indivíduo é livre de pensar nos assuntos que mais lhe aprouver, e de se expressar de forma tão livre como correr o seu pensamento. Cada indivíduo possui esta liberdade, pode defender as suas opiniões, falar sobre as suas ideologias políticas ou religiosas, sem receio de qualquer consequência por exprimir as suas crenças. A única consequência que poderá estar em causa dá-se no caso de este indivíduo prejudicar outro de alguma forma através das suas ações ou palavras. Assim, a discussão de qualquer tema é possível, baseada no respeito pela liberdade dos demais. Nenhuma expressão é ostracizada por outra, pois todas merecem o seu espaço numa discussão de ideias livre, onde é reconhecido o pensamento individual. Portanto, não importa se tem voz uma pessoa da extrema direita ou dos lugares mais à esquerda, ambos têm o mesmo direito de se manifestar com a mesma liberdade, a concordância de opiniões nunca deve ser um aspeto que ponha em causa a livre expressão.

A problemática da liberdade de expressão está na pouca certeza que é possível ter sobre ela, cada indivíduo terá um tema que o afeta pessoalmente e pode resultar num contrassenso à defesa desta liberdade. Defender a liberdade é também defender as opiniões com as quais não concordamos ou nos pareçam obscenas, uma posição difícil de manter em todas as circunstâncias. Obriga-nos a uma constante racionalidade; ainda que as palavras de outros nos

imprensa. Para proteger a ditadura, os cortes eram justificados como meio de impedir e limitar as tentativas de subversão e difamação.” (Definição consultada em www.infopedia.pt, Dicionários Porto Editora, acessido a 17/09/2017).

pareçam as mais abjetas, elas têm o mesmo direito de ser ditas ou escritas como as que propaguem mais harmonia.

Mais, a linha entre a defesa de uma opinião ou demonstrar descontentamento sobre determinado assunto, e a possibilidade de chegar a insultos ou ameaças é facilmente esbatida, o que tem ganhado uma nova dimensão nesta era das redes sociais, onde a facilidade de comunicação conduz, também, a uma maior facilidade de insultar ou ameaçar um qualquer utilizador destas redes. A grande diferenciação no trabalho de Hume e Stuart Mill é precisamente esta dimensão atual permitida pela Internet e todas as novas formas de comunicação que ela permite. E neste campo existem tantas possibilidades como questões problemáticas a resolver, sendo que a que se distingue como mais relevante é a forma como os meios internautas parecem facilmente isentar-se das leis nacionais ou internacionais, parecendo, por vezes, um espaço de *Terra nullius*, onde nenhuma jurisprudência se aplica ou nenhum estado tem poder de controlo.

Diz-nos Mick Hume que “se toda a gente que dissesse frases banais como «Vou-te matar!» ou «Estás morto!» na Internet fosse presa, as autoridades precisariam de criar campos de detenção especiais. Mesmo quando a ameaça é mais específica, é difícil provar se uma ameaça na Internet constitui uma hipótese credível e imediata de violência.” (Hume, 2016: 113). As palavras de Hume têm razão de ser, talvez se explique este fenómeno pela distância, não só pela distância física a que os interlocutores poderão estar, mas pela ilusão de distância transmitida pelas formas de comunicação mais impessoais, onde não é sequer exigida a identidade do utilizador, sendo o uso de pseudónimos uma opção normalizada na Internet.

No entanto, uma ameaça não deixa de o ser só por ser dita através da Internet, e é um erro pensar apenas numa ameaça, outras intenções são enunciadas sem que se encaixem no sentido lato de ameaça, como desejar a morte ou doença grave a pessoas próximas daquele a quem se dirige a “ameaça”. Até que ponto este tipo de ameaças deve ser distinguida pela sua forma?

Paulo Almeida¹² conversa sobre as ameaças que recebe nas suas redes sociais com bastante normalidade:

“O nível inúmero de ameaças de morte que eu já recebi desde que comecei a fazer isto é sempre de futebol, sempre. Já recebi de outras coisas, coisinhas muito mais pequeninas, mas futebol é o que atrai mais malta que é só com uma pala. Eu sou do Benfica, assumidamente, faço muitas piadas sobre o Benfica, quando acho que tenho de fazer, mas obviamente se calhar vou fazer mais piadas sobre o Sporting ou sobre o Porto, são os rivais futebolísticos. Se eu faço uma piada sobre o Sporting, vem tudo *Sei onde é que tu moras, Vou-te matar*, torna-se mesmo assim, e às vezes com factos *Eu sei que tu moras aqui*, e mandam-me a rua, e às vezes a gente olha para aquilo de uma forma ok, isto se calhar já está a tomar uma perspetiva... Mas depois,

¹² Paulo Almeida é stand-up comedian, humorista e guionista. Em 2016 apresentou o seu segundo espetáculo a solo, já atuou no festival *Nos Alive* e conta com participações em espetáculos realizados com outros humoristas. Como guionista contribui em programas como o *Freakshow*, *Roleta russa* ou *Very typical*. Foi ainda coautor do livro *Very typical*.

normalmente aquilo é uma bolha temporal, as pessoas estão empolgadas quando está a acontecer, demora uma semana e depois volta sempre ao normal. Mas faz parte.”

O Código Penal Português prevê sanções a crimes contra a liberdade pessoal, como o Artigo 153º: Ameaça, bem como sobre crimes contra a honra, onde constam os artigos: 180º Difamação, 181º Injúria ou 182º Equiparação. Por sua parte, a Constituição Portuguesa garante o direito à liberdade de expressão, Artigo 37º: Liberdade de expressão e informação, “1. Todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, bem como o direito de informar, de se informar e de ser informados, sem impedimentos nem discriminações.”

Serve esta informação para demonstrar a volubilidade da liberdade de expressão, se “todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento”, a ameaça pode também ser vista como forma de exprimir o pensamento, como percebemos pelo discurso de Paulo Almeida, que vem comprovar a citação anterior de Hume, no que diz respeito a ameaças via *web*, parecem ser desvalorizadas, assumindo que não são uma intimação credível.

Mick Hume conta como a história da liberdade de expressão é ainda curta. “A dura história da luta pela liberdade de expressão no Ocidente – que começou em Inglaterra antes de passar à América – é na verdade a história do difícil parto e do crescimento por vezes atrofiado da nossa sociedade democrática moderna.” (Hume, 2016:84). Mas, mais do que lembrar que este direito à liberdade foi ganho a custo e da sua vida breve, o autor refere a instabilidade a que está sujeito um direito que o é por decisão dos próprios beneficiários, ou seja, um direito que é criado de homens para homens pode da mesma forma ser retirado tal como foi atribuído, basta que nesse sentido se manifestem. No entanto, os meios legais que regem o Estado são também formulações do Homem, que não devem perder o seu valor por essa razão, tal como a Declaração Universal dos Direitos Humanos não deve cair em descrédito por ser redigida por quem se pretende defendido.

Foram decursos históricos que levaram ao nascimento e desenvolvimento da liberdade de expressão como a conhecemos hoje. Diz Hume que “o princípio político da liberdade de expressão só conseguiu enraizar-se em Inglaterra e na Europa quando a humanidade fez avançar a História, quando a noção de direitos individuais começou a generalizar-se e as pessoas começaram a questionar o poder absoluto da Coroa e da Igreja.” (Hume, 2016:86)

2.2. Politicamente correto

“If you say that something is technically correct, you are suggesting that it is wrong – the adverb before «correct» implies a «but». However, to say that a statement is politically correct hints at something more insidious. Namely, that the speaker is acting in bad faith. He or she has ulterior motives, and is hiding the truth in order to advance na agenda or to signal moral superiority. To say that someone is being «politically correct» discredits them twice. First, they are wrong. Second, and more damningly, they know it.” (Moira Weigel, 2016, in *The Guardian's Long Reads*)

Moira Weigel apresenta a expressão *politicamente correto* como uma força que reprime verdades inconvenientes através do policiamento da linguagem. Segundo Weigel, *politicamente correto*, poderia ser distinguido na Antiga Grécia como um exónimo, ou seja, algo que não pertence ao grupo em questão, no caso, não é expressão que deixa de pertencer, mas a pessoa que é politicamente correta, ao sê-lo é distanciada. Como se percebe pela citação inicial, ser politicamente correto é sempre uma acusação, nunca é dirigido a alguém como um tom elogioso, ninguém se caracteriza como uma “p.c.p. – politically correct person” (Bernstein, 1990).

Ser politicamente correto é entendido como ofensa. Alguém ser politicamente correto implica que não esteja a transmitir necessariamente a sua opinião, mas a ter uma atitude que julga ser a mais correta, uma espécie de máscara de correção moral que não é bem vista, pelo contrário, é interpretada como uma fuga à verdade.

A autora de *Political correctness: how the right invented a phantom enemy*, usou a ProQuest, uma base de dados digital, de forma a perceber qual o crescimento da expressão “politicamente correto” nos jornais e revistas do EUA, e a sua pesquisa mostrou que houve uma utilização em crescendo a partir de 1990, ano em que surge 700 vezes, aumentado os resultados para 2800, dois anos depois.

Já em 1990, o termo “politicamente correto” era usado com ironia e demonstração de desaprovação. Richard Bernstein escreve num artigo publicado no *The New York Times* que a expressão tem as suas raízes no radicalismo dos anos sessenta, baseado numa ideia do Ocidente como uma sociedade dominada por uma supremacia branca, “white power”, usando as palavras do autor, e uma estrutura patriarcal, onde as minorias são reprimidas, minorias que passam por se ser mulher ou homossexual. Qualquer cidadão que não encaixasse na categoria de homem branco heterossexual seria reprimido socialmente. (Bernstein, 1990, *NY Times*) O movimento oposto que se faz sentir também nos anos sessenta, “the black power movement”, o surgimento de uma nova esquerda, assim como outros tantos grupos referidos por Ruth Perry: “feminists of various stripes, Black panthers, activists against the Vietnam war, civil rights workers, Black Muslims and others elements of the Black Power movement, hippies, and counter-cultural pacifists” (Ruth Perry, 1992:1), apropriam-se da mesma expressão e, tal como as agendas destes grupos eram bastante diferentes, também seria diferente o significado que atribuíam à

Humoristicamente correto: o uso da liberdade no contexto humorístico

expressão “politicamente correto”. Em cada contexto o significado atribuído altera-se, mantendo-se apenas um desejo de descontinuidade com o passado em que não se reveem.

O politicamente correto surge como uma forma de combater essa hegemonia, o “white power”, ganhando o seu espaço especialmente nos *campus* universitários, locais onde a imagem da sociedade ocidental se refletia como “an institution of students and faculty who do not conform to what has always constituted the population of academic intitutions: usually white, middle-class, straight, male.”

No seu artigo, Bernstein, revela a sua preocupação sobre o p.c. se tornar num conceito rígido, e sob a fachada de querer diminuir a discriminação, seja de género ou orientação sexual, se transforme num impedimento à transparência de pensamento ou à complexidade de ensino desejada.

Capítulo 3

Palavra de humorista

3.1 O humorista nos meios de comunicação

“O que acontece hoje em dia é que com as redes sociais, e com a Internet, e com as coisas que eram nichos, ou seja, o *Charlie*¹³ tinha um nicho de leitores que era muito pequeno, era alguém que apreciava aquele tipo de intervenção, de linguagem. Conhece o caso dos cartoonistas dinamarqueses?¹⁴ Esse desenho foi feito e publicado e passados dois anos, só passados dois anos apareceu algures e houve essa reação imensa em cadeia da parte do mundo muçulmano que provocou depois as ameaças de morte. Não só a esse desenhador como a vários outros, porque aquilo foi uma publicação com vários desenhadores. Houve uma descontextualização no espaço e no tempo, no fundo o *Charlie* também foi um bocadinho vítima disso, o público que ele tinha de repente foi alargado sem que houvesse uma preparação para isso. Nós corremos muitas vezes o risco de as coisas serem lidas de través, de as coisas serem lidas fora do contexto, de as coisas serem mal-entendidas por desinformação, portanto, não há – agora estou a falar de desenho mesmo – aquela relação direta que o humorista de *stand-up* tem com o seu público, mas que também pode sofrer deste fenómeno, fica uma gravação, fica uma filmagem. Se calhar já não há um público – isto sou eu a interrogar-me, neste instante –, já não há um público definido para determinada coisa, o público é muito mais alargado, é incontrolável, nós não sabemos onde é que o nosso trabalho vai parar, ou por quem é que é lido, ou por quem é que é mal lido. Eu até posso ter *feedback* de uma coisa daqui a... Como aconteceu com os dinamarqueses, aquilo foi completamente anacrónico.” (Cristina Sampaio, em entrevista)

Um das referências que se tornou incontornável nas entrevistas realizadas, como aliás, já foram referidas várias vezes neste trabalho, foram as redes sociais, quando se faz referência a estas redes, são abarcadas especialmente o Facebook e o Twitter, uma vez que são aquelas a que os humoristas fazem maior alusão. Porque é que se torna inevitável falar delas? Devido ao valioso papel que podem desempenhar no trabalho destes profissionais, “a Internet é um palco” (Rui Cruz, em entrevista), são uma forma única de contactar com o público-alvo, num primeiro

¹³ A descrição sucinta que é possível encontrar no *site* da revista *Charlie Hebdo* diz o seguinte: “Charlie Hebdo: revista satírica, secular, política e jubilante, todas as semanas nas bancas e todos os dias na Internet”. Vale a pena ler a descrição completa presente no *site*, que se encontra em anexo. Esta revista ficou conhecida internacionalmente pelas piores razões, deve-se a elas a referência de Cristina. No dia 7 de janeiro de 2015, a sede da revista, em Paris, sofreu um ataque brutal que resultou em 11 vítimas mortais entre cartoonistas, escritores e editores. As motivações do ataque estarão relacionadas com o conteúdo satírico da revista.

¹⁴ A 30 de setembro de 2005, Kurt Westergaard integra uma publicação de um jornal dinamarquês. Os 12 *cartoons* eram sobre o Profeta Mohammed (ou Profeta Maomé), o de Westergaard mostrava a imagem de Mohammed onde o turbante desenhado é simultaneamente uma bomba (imagem apresentada na seção “anexos”). Terá sido esse *cartoon* que levou ao ataque de 2010, no qual um homem invadiu a casa de Westergaard empunhando uma faca. Cristina refere “os dinamarqueses” pois, apesar de este ser o caso mais extremo, houve várias ameaças dirigidas ao coletivo que participou na publicação de 2005.

momento permitem mostrar o trabalho ou tipo de humor que criam, e em seguida promover o seu trabalho fora das redes sociais, como *shows* a solo ou participações em espetáculos de humor. O proveito retirado destes meios de comunicação dependerá da vontade do humorista.

A partir destas redes sociais o humorista percebe, por exemplo, a faixa etária que o segue, Paulo Almeida sabe dizer de cor esses números, “nas redes sociais andam entre os dezasseis e os quarente e dois [anos], no máximo, mais ou menos. Mas o maior segmento é entre os vinte e dois e trinta e seis” (Paulo Almeida, em entrevista). É possível tirar partido destas ferramentas de forma positiva, no entanto, quando são referidas é, em geral, com uma conotação negativa.

“Eu, por exemplo, em 2016, eu devo ter estado, dos doze meses do ano, quatro meses bloqueado na minha página de Facebook, por denúncias de pessoas em páginas ou fóruns fechados. Depois mandavam-me, algumas pessoas, estava-me um bocado a borrar para quem é que faz essas coisas, mas depois começam-me a mandar *olha, eu sei que esta pessoa fez isto, esta pessoa denunciou-te*, e apercebo-me que de facto existem movimentos de pessoas que pensam que são os polícias do politicamente correto e se organizam em grupos, seja no Facebook, seja em fóruns na Internet, depois basta organizarem-se a determinada hora *olha, nós os vinte vamos lá agora denunciar aquele post*, mesmo que aquele *post* não tenha nada que o Facebook, por exemplo, ache que é ofensivo, se tiver um número x de pessoas a denunciar em simultâneo, o *post* vai abaixo. Isto é uma nova forma de censura que existe atualmente que dá poder a estes grupos de pessoas que se formam nas redes sociais e aí sim, é a forma que sinto que censuram o meu trabalho. Porque eu uso as redes sociais essencialmente para promover aquilo que eu faço fora das redes sociais, se pudesse, vivia perfeitamente sem ter Facebook, sem Twitter e tudo o resto, mas é lá que se vai buscar algum público, se tu vais fazer piadas ali no Facebook ou no Twitter, as pessoas que não te conhecem mais facilmente vão partilhar e vão-te conhecer a partir daí, depois, se calhar, vão ficar com vontade de te ir ver num espetáculo ao vivo ou noutra circunstância qualquer.

Se te bloqueiam quatro meses de um ano deixas de ter essa possibilidade, por exemplo, no ano passado [2016], eu fiz o meu segundo espetáculo a solo e um mês antes de estrear, quando eu estava para começar a fazer a promoção e divulgação, bloquearam-me no Facebook. E fico chateado, como é obvio, porque lá está, eu uso aquilo para trabalhar, para promover o meu trabalho, e é nesse sentido que censura ou tenta censurar nas redes sociais, aí sim, pode minar o nosso trabalho, mas mais do que isso, nós que trabalhamos com aquilo estamos sempre a arranjar alternativas para cada vez menos depender das redes sociais, porque infelizmente essas coisas vão acontecer cada vez mais, então é tentarmos dar a volta a isso e tentar que aquilo não nos mine o trabalho.” (Paulo Almeida, em entrevista)

Este exemplo dado por Paulo Almeida é muito claro para perceber as implicações do uso das redes sociais, é um dos meios onde os humoristas se sentem censurados. O humorista chama-lhe a “polícia do politicamente correto” e, ainda que não com esta distinção, estes grupos de pessoas que se reúnem para proceder a denúncias coletivas em *posts* publicados através das redes sociais, são referidos em várias entrevistas, nas que se realizaram na sequência desta pesquisa, mas também noutras alheias a ela, como as que fazem parte do livro *Com o humor não se brinca*.

O autor deste livro, Nelson Nunes¹⁵, acredita que a possibilidade que as redes sociais oferecem de tornar uma opinião pública ou tecer uma crítica sobre algo, é uma mais-valia à liberdade de expressão, ainda que crie choques de opinião, demonstram do que esta liberdade realmente se trata, o problema está “nas pessoas não saberem lidar com a liberdade de expressão e depois cometerem atos que vão além das palavras”. (Nelson Nunes, em entrevista)

As redes sociais são referidas com esta dualidade entre a vantagem de promoção e a constante manifestação de desagrado pelo trabalho exposto – não deve ser esquecido o exemplo dado no capítulo anterior também por Paulo Almeida, no qual refere as várias ameaças que já recebeu por estas vias. Existe mais um meio de comunicação referido como castrador do trabalho humorístico: a televisão.

“As televisões não têm espaço de humor, há uns anos atrás havia programas de humor em todas as estações o *Contra informação*, *Levanta-te e ri*, *Os Malucos do riso*, *O Camilo de Oliveira*, agora não existe, há um, *Os Donos disto tudo*. O que se faz em televisão é muito restrito devido ao politicamente correto, há temas muito restritos em que se pode tocar.” (Guilherme Duarte, em entrevista)

Em 1987 o programa *Humor de perdição*¹⁶ foi retirado do ar por decisão do Conselho de Gerência da RTP. Em causa estava um segmento do programa intitulado “Entrevistas históricas”, onde foram interpretadas figuras como Fernando Pessoa, D. Sebastião ou Florbela Espanca, e pelo qual Herman José¹⁷, responsável pelo programa, foi acusado de brincar com referências nacionais. Este momento entrou para a história do humor português como uma demonstração clara de censura televisiva, numa altura em que já se esperava ultrapassada.

Um dos programas referidos por Guilherme, o *Levanta-te e ri*¹⁸, foi o que levou a vários dos humoristas da atualidade a serem reconhecidos, nomes como Bruno Nogueira, Ricardo Araújo Pereira ou Nilton, ficaram conhecidos depois da passagem por este programa. Como é que a televisão portuguesa passou de um meio impulsionador da comédia a castrador?

O discurso de Guilherme sugere que essa alteração se deve ao crescimento do politicamente correto, crença também partilhada por Rui Cruz. Este último refere como enfrentou vários

¹⁵ Nelson Nunes (Lisboa, 1986) é jornalista e escritor. Foi chefe de redação da revista Fórum Estudante e investigador académico no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Atualmente, é doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade Católica Portuguesa.

¹⁶ Humor de perdição foi um programa de humor, da autoria de Herman José, transmitido na RTP1 em 1987.

¹⁷ Herman José, (Lisboa, 1954) é humorista, ator, apresentador, guionista e cantautor. No seu extenso currículo como comediante estão programas, como o *Sr. Feliz e Sr. Contente*, *O tal canal*, *Hermanias*, *Humor de perdição*, *Herman Enciclopédia*, *Herman Sic*, para nomear apenas alguns. Apresentou ainda os programas *A roda da sorte*, *Parabéns HermanSic 2010/2011/2012/2013*, *Verão Total*, *Há Tarde e Cá por casa*. Canções como *Saca o saca-rolhas* e *A canção do beijinho*, alcançaram o disco de ouro. É mencionado como o maior impulsionador do humor contemporâneo em Portugal.

¹⁸ *Levanta-te e ri* foi um programa de *stand-up comedy* produzido e transmitido pelo canal televisivo SIC. Estive em emissão no período de janeiro de 2003 a julho de 2006.

problemas quando escrevia para o *Sábado à luta*¹⁹, transmitido pela SIC, incluindo uma proibição pelo diretor de conteúdos do uso de uma personagem, a que chamavam o machista *gay*.

“As televisões fecharam a porta ao humor por três razões, na minha opinião, a primeira é porque o humor é muito alvo de crítica, já chegámos a essa conclusão, logo, as televisões tendem a cortar tudo o que lhes possa levantar problemas, sejam legais, públicos... Outra razão é que as televisões descobriram coisas fáceis e que gastam pouco dinheiro como os *reality shows*, que são coisas que não gastam dinheiro nenhum e têm uma audiência brutal, ou os concursos de talentos, onde tu tens pessoas a fazer números que estão lá sem receber nada, se tens entretenimento onde não gastas dinheiro, é mais fácil do que investir. E a terceira razão, eu acho que é mesmo por esta onda de ofensa, do politicamente correto, toda a gente tem medo de arriscar em coisas e criar cisões, então acabas por ter esta uniformização das televisões.” (Rui Cruz, em entrevista)

Os moldes de limitações entre redes sociais e televisão são nitidamente diferentes. Nas primeiras, a crítica fácil leva a ameaças por parte dos seguidores dos humoristas, e em casos mais graves à imposição da retirada de publicações ou do próprio “espaço” do comediante na rede em questão. Já na televisão, o que passa no ecrã é responsabilidade da autoridade que responde pelo canal, que tanto pode não aceitar o trabalho do humorista como cortá-lo caso se torne inconveniente, como aconteceu com Herman José em 1987 e com Rui Cruz em 2013.

A perceção sobre as mesmas questões por parte de cartoonistas revela-se bem diferente. Estes por seu lado não sentem limitações na produção do seu trabalho. Luís Afonso²⁰, um cartoonista multifacetado que trabalha simultaneamente em jornais, rádio e televisão²¹, diz nunca ter sentido na pele esta censura de que falam os humoristas.

“Tenho uma vantagem muito grande, quer no *Público*, quer na *Bola*, nunca ninguém me condicionou de nada, escrevi sobre tudo e mais alguma coisa. Eu não faço coisas sexistas, racistas, nada disso, durante todos estes anos não fiz, não vou começar agora, porque não consigo fazer esse tipo de coisas, há um lado de mim... E é muito fácil, uma piada racista é muito fácil de fazer, uma piada sexista é muito fácil de fazer, e outras coisas, a vida particular das pessoas normalmente não me interessa.” (Luís Afonso, em entrevista)

Pode parecer que Afonso nunca foi sujeito a qualquer tipo de limitação por ele próprio não ter gosto em tocar em assuntos que possam causar manifestações negativas, todavia, não é o que acontece, continua:

¹⁹ *Sábado à luta* foi um programa de humor com as intervenções do grupo *Homens da luta* com emissão no canal SIC em 2013.

²⁰ Luís Afonso (Aljustrel, 1965), começou a publicar cartoons nos tempos de faculdade, mas só anos depois se tornou cartoonista a tempo inteiro. Hoje conta com publicações em vários jornais portugueses *A Bola*, *Público*, *Sábado* e *Jornal de Negócios*. Em 2011 recebeu o Prémio Amadora Cartoon no *Festival BD* da Amadora. Entre as suas obras editadas estão *Barba e cabelo*, *Seleção*, *Bartoon*, *Bartoon 2 e 3*, *10 anos de Bartoon*, *Sociedade Recreativa*, *O comboio das Cinco*, entre outras.

²¹ Aquando desta entrevista, Luís Afonso criava *A Mosca*, transmitida no telejornal na RTP1 e pela rádio Antena 1, um formato único no que diz respeito ao cartoon, passível de ser reproduzido com imagem animada na televisão, apenas o som na rádio, e a imagem estática, na forma mais tradicional do cartoon.

“Eu não noto muita diferença no meu trabalho, as coisas que eu faço são as coisas que eu fazia há dez anos, faço sobre religião, faço sobre tudo, há certas coisas que podem ser relevantes e podem não ser relevantes, se não for relevante a componente do sexo ou a componente da raça, acho que é uma coisa que é desnecessária, se for em situações relevantes, tudo bem. Em abstrato, acho que se pode dizer tudo.” (Luís Afonso, em entrevista)

Assumidamente ateu, diz que respeita todos por igual. Na sua opinião, se lhe é permitido tecer alguma crítica ao povo muçulmano e à sua fé, deve ser igualmente respeitado pelas suas críticas a Fátima ou aos pastorinhos, aos quais chama “aquela aberração toda”, já o fez, e não teve qualquer repercussão no seu trabalho. No entanto, semelhante ao exemplo de Paulo Almeida, às reações sobre futebol caracteriza-as como epidérmicas, já foi “acusado por todos os clubes de ser um radical do outro”, mas não passa disto, nem uma ameaça de morte contada.

Quando questionada sobre o tipo de reações que tem sobre o seu trabalho, Cristina Sampaio diz que é raro que tal aconteça, “se bem que com as redes sociais isso acontece um bocadinho mais” (Cristina Sampaio, em entrevista). Na sua opinião, a imagem parece ter menos impacto para o público do que outros audiovisuais. Ainda que não aconteça com frequência, já teve algumas reações às publicações quinzenais do jornal *Expresso*, na página de opinião, refere uma em que reagiu a um artigo de Gentil Martins, médico, que identificou a homossexualidade como doença, ou quando, conta Cristina Sampaio, “fiz alguns desenhos sobre a pedofilia, e em que pus o papa, o anterior, não o papa Francisco, diretamente implicado, como cúmplice dos casos de pedofilia, também teve uma reação muito grande”. Na sua opinião, estas reações devem-se “[às pessoas se sentirem] mais tocadas por coisas que mexem com a sensibilidade social delas” (Cristina Sampaio, em entrevista), uma vez que nota mais reações quando o tema incide sobre questões como as referenciadas, homossexualidade ou religião, do que quando se põe em causa alguma crença ou entidade política.

De uma forma geral, diz não ter muito *feedback*. A seu ver, o *cartoon* não tem tanta visibilidade como o *stand-up comedy*. Acredita que o *cartoon* tem um público mais restrito e elitista, não tende a estender-se a grandes circuitos, e esta poderá ser uma das razões para o menor *feedback*.

3.2 O humorista e o politicamente correto

O título desta dissertação é precisamente um jogo de palavras entre o humorista/humor e o politicamente correto, que se veio a provar cada vez mais pertinente com o decorrer das entrevistas. Não era preciso esperar pela pergunta direta sobre o significado desta expressão para que fosse referida; em geral, é apontado como uma das razões para a falta de aceitação de determinados temas usados no humor.

Vejamos o que diz Sinel de Cordes²² sobre o politicamente correto:

“Quem o usa, preocupa-se com a imagem que tem de si próprio e a que projeta nos outros. É um género de lubrificante social, uma calçadeira imaginária que pretende encaixar-nos no que está previamente estabelecido. Enfim, uma seca. A consequência é o estado do Mundo atual, cada vez mais fechado em conceitos estabelecidos pela mediocridade e pela opinião de pessoas que nem deviam poder escolher o que comer ao jantar.” (Rui Sinel de Cordes, em entrevista)

Como vimos antes, o politicamente correto baseia-se num controlo da linguagem. Na opinião de Sinel de Cordes, funciona como uma forma de encaixe social, que tem levado a consequências mais abrangentes. O problema assente nesta ideia não é o de se ser politicamente correto, pois faz parte da liberdade pessoal escolher como se quer exprimir, o que cria conflito é tentar instaurar um cuidado generalizado com base nesse discurso politicamente correto.

A tentativa de higienização das palavras, que referiu Nelson Nunes em entrevista, ou a paternalização geral da sociedade, de que fala Mick Hume, não se coaduna com a liberdade humorística.

Herman José compara a realidade do bobo da corte à atualidade dizendo: “O paradigma do bobo da corte mantém-se inalterado: nunca ultrapassar o limite que leve o rei a ordenar a sua decapitação. A menos que se tenha instintos suicidas. Em Portugal, a coragem não se aconselha. Perde-se a cabeça por muito pouco.” (Herman José, em entrevista) Criar humor com o que se bem entende ainda hoje é sinónimo de coragem.

Há outra razão que alguns dos entrevistados referem para justificar esta “fase ultramelindrada”, como define Rui Cruz, que se deve a uma herança de censura que se estabeleceu em Portugal durante mais de quatro décadas.

“As consequências últimas de um sistema de censura durante tantas décadas foram disciplinando autores, jornalistas, empresários e todos aqueles relacionados com os meios de transmissão às massas, e obrigá-los a uma autocensura permanente, a fim de evitarem que a sua produção fosse

²² Rui Sinel de Cordes (Lisboa,1980), humorista reconhecido como pioneiro no humor negro em Portugal. Conta com quatro espetáculos a solo, o primeiro realizado em 2012, em 2015 apresentou *Anjos Negros* em conjunto com Rui Cruz e Paulo Almeida. Em televisão, foi co-autor da adaptação das séries *Aqui não há quem via* e *Cenas do casamento*, foi autor e interprete dos programas *Preto no branco*, *Gente da minha terra*, *Gente da minha terra: Europa I e II*, e *Very Typical*. Na rádio, foi co-autor da radionovela *Quem és tu Zé Tó*, e dos programas *Cómico de garagem* e *Só Falo do que não sei*.

Humoristicamente correto: o uso da liberdade no contexto humorístico

constantemente dificultada e mutilada. Esta autocensura permanente levou muitas vezes a extremos de cautela, de difícil justificação.” (Oliveira Marques, 1986:428)

É referido um enraizamento da censura culturalmente, como se a disciplina à censura não se tivesse marcado apenas nos que trabalhavam nos meios de transmissão às massas, mas também nas próprias massas. Marcas sociais que nos dias de hoje se manifestam pelo seguimento de comportamentos como o politicamente correto.

A relação entre o politicamente correto e o uso da palavra, ou a limitação à palavra, transparece nas entrevistas, uma vez que ambos os cartoonistas não dão tanta relevância a este tema, nem o referem como um problema no seu trabalho, enquanto que os restantes o mencionam como razão para as limitações a que são sujeitos.

Capítulo IV

Reflexões Finais

Numa fase inicial, mostrou-se como o humor e o riso têm papéis preponderantes na vida social dos indivíduos, para mais adiante evidenciar como podem ser sinónimo de discórdia e angústia. É interessante perceber como funcionam tanto numa forma de união como no oposto.

A maior certeza que se consegue adquirir sobre o humor é a do seu carácter ambíguo e variante, que começa logo à partida, pois, a sua própria definição apresenta-se como um mar de possibilidades, mais ou menos completas, mais ou menos concordantes.

Por outro lado, a função do humorista é muito mais clara, e apresentou grande consenso entre os entrevistados, o papel do humorista é fazer rir, é esse o objetivo e o que os fez ganhar amor pela profissão, fazer rir os outros.

No entanto, porque humor é incongruência, a harmonia sobre o que é o humor é mais difícil de encontrar, existem dois lados gerais, o mais simples: o humor é o que faz rir. E por outro acrescenta-se o fazer rir ao fazer pensar, aqui, o humor é uma forma de retórica que como qualquer outra, serve ao locutor para expor o que pensa sobre determinado assunto, é um veículo para transmitir uma mensagem.

Percebe-se no primeiro capítulo que o surgimento da comédia é facilitado pela proximidade dos intervenientes, o que não deixa de acontecer com os humoristas, onde não está em causa uma proximidade familiar ou de amizade, mas uma proximidade ideológica, e essa partilha de ideologias ou gostos semelhantes transforma-se numa vantagem para o humorista porque será mais fácil fazer esse público rir.

Porém, não se deve confundir as piadas do humorista como sinónimo do que ele pensa, foi referido em entrevista que é uma “regra” para quem consome humor. Assumir que o que é dito em contexto humorístico pode ser interpretado de uma forma literal tem consequências como as que se manifestam pelos meios de comunicação.

O uso de formas de expressão literárias como a ironia e a sátira podem transformar o humor numa obra difícil de decifrar. A segunda, baseia-se na crítica, seja individual, ou a entidades, tem como propósito caricaturar e expor ao ridículo o seu alvo.

O humor constrói-se a partir de alvos, pessoas, entidades, coisas ou momentos, sendo a sátira um exemplo de como o humor se mune de ferramentas para reagir aos possíveis alvos a partir da crítica, ou mesmo da ofensa.

O tema da ofensa surgiu a partir da obra de Mick Hume, *Direito a ofender* (2016), a relação da ofensa com o humorista acontece de duas formas. Por vezes, há consciência dessa ofensa, quando uma piada é dirigida a uma pessoa específica, ainda que o riso seja o objetivo, o

humorista tem consciência de que pode ofender a pessoa em causa e o seu grupo de pessoas mais próximas. Outras vezes, a ofensa só acontece de uma parte, ou seja, não existe qualquer intenção de ofensa na construção da piada, mas o recetor interpreta o conteúdo como ofensivo. Numa total aceitação da liberdade de expressão, a ofensa faz parte do discurso, na medida em que ninguém deve ser impedido de dizer o que quer que seja pelo risco de ofender o outro.

Como se percebe pelo capítulo anterior, os humoristas sofrem ainda várias limitações. Se ver o seu trabalho interpretado como uma ofensa já não é um acontecimento que surpreende, e é uma possibilidade que aceitam, assistir ao seu trabalho desaparecer dos meios de comunicação ou serem impedidos de o promover, fá-los acreditar que a liberdade de expressão ainda tem caminhos para percorrer.

Há limites impostos. A televisão impõe limites, as redes sociais impõem limites, as ameaças ganharam um tom corriqueiro para um humorista presente nas redes sociais.

Contudo, nos espetáculos a solo (daqui se exclui o *cartoon*), o humorista tem total liberdade no seu discurso, aí sim, as mensagens através do humor podem ser passadas na medida do próprio humorista. Sinel de Cordes descreve o *stand-up* como “o último grau de justiça e satisfação no humor” (Rui Sinel de Cordes, em entrevista), uma vez que desta forma se usufrui de total liberdade humorística. E conseqüentemente, de total liberdade de expressão, este é o contexto onde é possível dizer que o humor oferece uma liberdade única de expressão, onde é permitido mais do que noutros discursos, aliando a forma discursiva do humor à visibilidade do humorista.

As complexidades humorísticas fazem jus à dificuldade de definir humor, há demasiadas variáveis a explorar, sendo que muitas, a maioria, ficaram de parte nesta pesquisa. Ficam ainda por perceber as nuances da linguagem neste tipo de discurso, o carácter performativo assumido pelo humorista, o poder do humor no ativismo social, o porquê de o *cartoon* não chegar às massas ou porque que é que o *stand-up* não é aceite em vários teatros do país porque é considerado uma arte menor.

Apesar destas faltas registadas na dissertação, espera-se ter contribuído de forma positiva para a discussão que implica o humor e a liberdade de expressão, mas especialmente ter oferecido resposta às questões elaboradas de início.

As conclusões aqui apresentadas são um reflexo da informação obtida através das entrevistas, não se pretende levar a cabo qualquer generalização à realidade nacional, uma vez que o número da amostra é reduzido tendo em conta a diversidade de humoristas que não estão aqui representados. Aliás, a principal dificuldade à realização desta pesquisa foi entrar em contacto com profissionais da comédia, sendo que, na maioria das vezes não foi obtida qualquer resposta ao pedido de entrevista para este efeito.

Por fim, fica a percepção de que o humor tem grandes semelhanças com a Antropologia, cada contexto pode revelar aspetos diferentes, em caso algum devemos optar pela generalização, e teremos sempre de ter como garantido que haverá alguém a pensar diferente de nós.

Anexos

Guião de entrevista:

- O que é para si o humor?
- Como definiria a profissão de humorista?
- Politicamente correto, qual a função e consequências?
- Entraves dirigidos ao humor são limites criados à liberdade de expressão?
- É um direito ofender?
- A comédia permite uma liberdade única? No sentido de permitir abordar temas que, de forma geral, são evitados no cotidiano.
- O humor tem um papel relevante socialmente?
- O trabalho de humorista implica a criação de uma persona de palco, ou seja, a comédia torna-se num ato performativo ou trata-se de uma extensão da pessoa “real”?

Datas da realização de entrevista:

- Nelson Nunes, entrevista a 2 de fevereiro de 2017
- Guilherme Duarte, entrevista a 27 de fevereiro de 2017
- Luís Afonso, entrevista a 18 de março de 2017
- Rui Sinel de Cordes, entrevista a 11 de abril de 2017 (por escrito)
- Rui Cruz, entrevista a 22 de abril de 2017
- Paulo Almeida, entrevista a 26 de abril de 2017
- Herman José, entrevista a 28 de abril de 2017 (por escrito)
- Cristina Sampaio, entrevista a 30 de maio de 2017

Descrição na íntegra da revista Charlie Hebdo presente no seu site oficial:

“Who is Charlie Hebdo?”

Charlie Hebdo is a punch in the face...

Against those who try to stop us thinking.

Against those who fear imagination.

Against those who don't like us to laugh.

Charlie Hebdo is an angry magazine, a paper that takes the piss.

It's a weekly with a wallop, a digest with a dream.

It's a periodical that argues and a journal that thinks.

It's a gazette of the grotesque – because that's what so much of life and politics is.

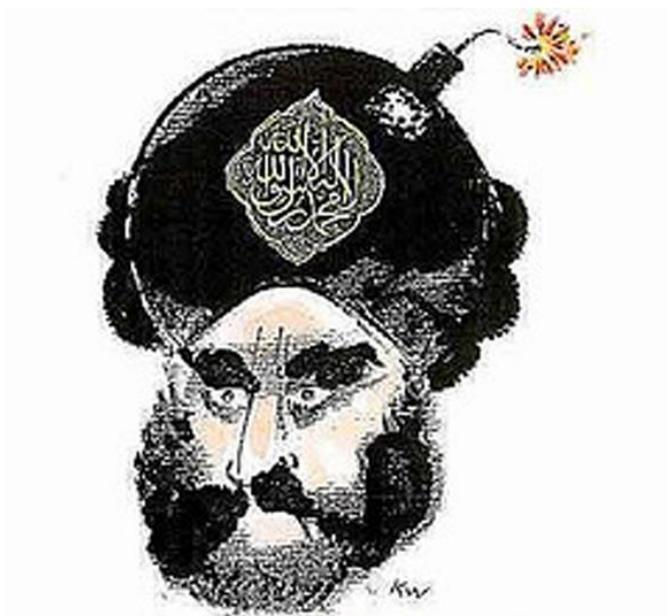
It's a rag that has nothing to lose in the afterlife for the laudably simple reason that there is no afterlife.

Charlie Hebdo has no need of God, nor any need of Wall Street. Charlie doesn't need two cars and three cellphones to be happy.

To be happy, Charlie Hebdo draws, writes, interviews, ponders and laughs at everything on this earth which is ridiculous, giggles at all that is absurd or preposterous in life. Which is to say – very nearly everything.

Because life is so awfully short that it would be a pity to spend it whining in dismay instead of laughing it up a storm.”

- Carton de Kurt Westergaard, referenciado na nota de rodapé nº14, página 21.



Bibliografia

- Alberti, Verena (1995). *O riso, as paixões e as faculdades da alma*. Textos de história. Revista Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, volume 3, No. 1, pp.5-25.
- Bakhtin, Mikhail (2002). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (5ª ed). São Paulo: Annablume Editora.
- Bateson, G. (1952, março). *The position of humor in human communication*. Comunicação apresentada em *Macy Conferences*, Nova Iorque.
- Bergson, H. (1983). *O riso: ensaio sobre a significação do cômico* (2ª ed). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Billig, Michael (2002). *Freud and the language of humour*. *The Psychologist*, volume 15, No. 19, pp.452-455.
- Boskin, Joseph & Joseph Dorinson (1985). *Ethnic Humour: subversion and Survival*. *American Quarterly*, volume 37, No. 1, Special Issue: American Humor, pp. 81-97.
- Boskin, Joseph and Joseph Dorinson (1985). *Ethnic humor: subversion and survival*. *American Quarterly*, volume 37, No. 1, pp. 81-97.
- Dawson, Catherine (2002). *Practical Research Methods: A User-friendly Guide to Mastering Research Techniques and Projects*. Oxford: How to Books.
- DeCew, Judith Wagner (2004). *Free speech and offensive expression*. *Social Philosophy & Policy*, volume 21, No. 2, pp. 81-103.
- Driessen, Henk (2015). *Anthropology of humor*. *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*, volume 11, No. 2, pp. 416-419.
- Driessen, Henk (2016). *Humor Matters*. *Etnofoor, Humour*, volume 28, No. 1, pp. 141-146. Radboud University.
- Guerreiro, António (2013). *Notas sobre o riso e a estética do cômico*, in *O prontuário do Riso*. (1ªed). Lisboa: Tinta da China.
- Hall, Kira, Donna M. Goldsteins and Matthew Bruce Ingram (2016). *Journal of Ethnographic Theory*, volume 6, No. 2, pp. 71-100.
- Hume, Mick, (2016). *Direito a ofender: a liberdade de expressão e o politicamente correto* (1ªed). Lisboa: Tinta da China.

- Magnotta, Elizabeth and Alexandra Strohl (2011). *A linguistic analysis of humor: a look at Seinfeld*. The working papers of the linguistic circle of the university of victoria, volume 21, No. 1, pp. 126-135.
- Marques, A. H. de Oliveira (1986). *História de Portugal, Volume 3: das revoluções liberais aos nossos dias* (3^oed). Lisboa: Palas Editora.
- Martin, Rod A. (2004). Sense of humor and physical health: theoretical issues, recent findings, and future directions. *International Journal of Humor Research*, volume 17, No. 1/2, pp. 1-19.
- Mattoso, José (1993). *História de Portugal: oitavo volume, Portugal em transe (1974-1985)*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- McGraw, A. Peter and Caleb Warren (2010). *Benign violations: making immoral behavior funny*. *Psychological Science*, volume 20, No. 10, pp. 1-9.
- Meyer, John C. (2000). *Humor as a double-edged sword: four functions of humor in communication*. *Communication theory*, volume 10, No. 3, pp. 310-331.
- Mill, John Stuart (1997). *Sobre a liberdade*. Lisboa: Publicações Europa-América
- Mill, John Stuart (2010). *Da liberdade de expressão de pensamento e de expressão* (1^oed). Alfragide: Leya, SA.
- Nunes, Nelson (2016). *Com o humor não se brinca: o que os humoristas têm a dizer sobre a comédia* (1^oed). Lisboa: Vogais
- Pardal, Filipe Miguel da Silva. *A sátira política na televisão: o caso do "Governo Sombra"*. Lisboa: Escola Superior de Comunicação Social, 2015. Dissertação de mestrado.
- Pereira, Ricardo Araujo (2016). *A doença, o sofrimento e a morte entram num bar* (2^oed). Lisboa: Tinta da China.
- Perry, Ruth (1992). *A short history of politically correct*. MIT Faculty Newsletter, volume 4, No. 5, pp.8-9.
- Polimeni, Joseph and Jeffrey P. Reiss (2006). *The first joke: exploring the evolutionary origins of humor*. *Evolutionary Psychology*, volume 4, pp. 347-366.
- Radcliff-Brown, A. R. (1949). *A further note on joking relationships*. *Journal of the International African Institute*, volume 19, No. 2, pp. 133-140.
- Radcliff-Brown, A.R. (1940). *On joking relationships*. *Journal of International African Institute*, volume 13, No. 3, pp.195-210.
- Silva, Fernando Moreno da (2010). *As várias faces do riso*. *Travessias*, volume 4, No. 1, pp. 211-228.

Vrticka, Pascal, Jessica M. Black and Allan L. Reiss (2013). The neural basis of humour processing. *Nature Reviews Neuroscience*, volume 14, pp. 860-868.

Warren, Caleb & A. Peter McGraw (2015). *What makes things humorous*. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, volume 112, No. 13, pp. 7105-7106.

William Moleswoth, Bart (1840). *The english works of Thomas Hobbes*. London: Richards Printer.

Webgrafia:

A guerra de 1908. Interpretação original de Raul Solnado, no teatro revista *Bate o Pé* em 1961.

Bernstein, Richard - *The New York Times*. *The rising hegemony of the olitically correct*. Publicado a 28/outubro de 1990. Recuperado a 15/março de 2017, em: <http://www.nytimes.com/1990/10/28/weekinreview/ideas-trends-the-rising-hegemony-of-the-politically-correct.html?pagewanted=all>.

International Business Times. *Prophet Muhammad cartoon controversy: danish cartoonista Kurt Westergaarf has no regrets*. Publicado a 28/setembro de 2015. Recuperado a 17/setembro de 2017, em: <http://www.ibtimes.co.uk/prophet-muhammad-cartoon-controversy-danish-cartoonist-kurt-westergaard-has-no-regrets-1521551>.

Recuperado a 22/novembro de 2016, em: <https://www.youtube.com/watch?v=a6oOw7-0lt4>.

RTP Arquivos. *As divinas comédias*. Episódio 1 (08/08/2009),2 (09/08/2009),3 (10/08/2009) e 4 (11/08/2009). Recuperado a 08/julho de 2017, em: <https://arquivos.rtp.pt/programas/as-divinas-comedias/#sthash.cADwxuik.dpbs>.

Scruton, R. - *BBC News*. *Point of View: why people shouldn't feel the need to censor themselves*. Publicado a 8/novembro de 2015. Recuperado a 20/outubro de 2017, em: <http://www.bbc.com/news/magazine-34744432>.

The science of laughter with Sophie Scott. Apresentação original feita no The Royal Institution, a 28/março de 2014. Recuperada a 22/fevereiro de 2017, em: <https://www.youtube.com/watch?v=4BWRoHGiwrw>.

Weigel, Moira - *The Guardian* *The long read, Political correctness: how the right invented a phantom enemy*. Publicado a 30/novembro de 2016. Recuperado a 15/março de 2017, em: <https://www.theguardian.com/us-news/2016/nov/30/political-correctness-how-the-right-invented-phantom-enemy-donald-trump>.

Who is Charlie Hebdo? Recuperado a 30/agosto de 2017, em : <https://charliehebdo.fr/en/>.